

07

O MUNDO NO CÍRCULO DE FOGO: QUESTÕES DA VISÃO EM TOLKIEN

Amanda Laís Jacobsen de Oliveira (UFSM)
Adriana Yokoyama (UFSM)

Recebido em 29 set 2017. Amanda Laís Jacobsen de Oliveira é licenciada em Letras Português-Inglês pela UTFPR, e mestra em Letras-Literatura pelo PPGLetras da UFSM. Atualmente é doutoranda nessa mesma instituição, na linha de pesquisa “Literatura, Cultura e Interdisciplinaridade”, sendo bolsista CAPES.

Adriana Yokoyama é licenciada em Letras Português pela UFRRJ e mestra em Letras-Literatura pelo PPGLetras da UFSM. Atualmente é doutoranda nessa mesma instituição, na linha de pesquisa “Literatura Comparada”, sendo bolsista Capes.

Resumo: Culturalmente, a luz é sempre associada com o bem, e a escuridão, com o mal; entretanto, como se constroem essas concepções? Um olhar mais atento sobre a questão revela-nos que tais associações têm relação com as apreensões das imagens e com as sensações percebidas pela visão. Nesse sentido, o trabalho aqui apresentado investiga a obra *The Lord of the Rings* (1954), de J. R. R. Tolkien, no que concerne à preocupação textual em constituir as antíteses imagéticas entre luz e sombra, visível e invisível. Além disso, toma-se a representação do olho na obra como elemento importante dentro das concepções

semânticas, efetuando o estabelecimento de relações que compõem o significado todo do texto. Para a pesquisa, utilizamos as reflexões de Alcides Cardoso com respeito à representação do olho e da visão na literatura e na arte em geral, sendo essas aprofundadas com as percepções visuais tratadas por Maurice Merleau-Ponty. Ademais, para auxiliar na compreensão da simbologia utilizada pelo autor, tomamos de autores como Chevalier e Mallon. Por fim, percebemos como o autor efetua um jogo de significados, que se estabelece através das imagens paralelas.

Palavras-chave: *The Lord of the Rings*; Olho; Visível; Invisível.

Abstract: Culturally, light is always related to good, and darkness is related to evil; however, how are these conceptions built? While attentive to his question we notice they have relation with images' perceptions and sensations realized by vision. In this sense, this work intends to investigate *The Lord of the Rings* (1954), from J. R. R. Tolkien, in what concerns the textual attention to constitute imagery antithesis between light and shadow, visible and invisible. Besides, we take the eye's representation in the work as an important element within the semantics' conceptions, making the establishment of relations that compound the whole text meaning. To this research, we used Alcides Cardoso's reflections towards eye and vision's representation in literature and arts in general; and those have been deepened by visual's perceptions treated by Maurice Merleau-Ponty. Moreover, in order to help in the comprehension of the symbology used by the author, we took Chevalier and Mallon's texts. Lastly, by the study, we notice how the author plays with the meanings that are settled through parallel images.

Keywords: *The Lord of the Rings*; Eye; Visible; Invisible.

INTRODUÇÃO

As questões que dizem respeito à formação de imagens mentais e à sua representação nas artes são recorrentes na literatura. Para isso, os escritores se utilizam de vários recursos, dentre eles as relações diretas entre literatura e artes visuais, a constituição imagética por meio da linguagem e também a própria menção de aspectos que retomam o tema (como a visão, a luz, o olho, a cegueira, o espelho, entre outros). Nesse sentido, voltamos os olhos à literatura fantástica para observar os métodos empreendidos ao tratar das dualidades surgidas quando esses temas são colocados frente à frente, provocando problematizações.

Assim, levando em consideração, principalmente, a oposição entre visível e invisível, luz e sombra, olho e cegueira, temos a intenção de analisar *The Lord of the Rings* (1954), de J. R. R. Tolkien, em vista da importância dessas antíteses para a constituição dos significados da obra. Além disso, o estudo se realizará de modo a perceber como o autor se utiliza de imagens e simbologias que recorrem à uma amplitude de conotações semânticas para construir os aspectos imagéticos de seu texto, que influenciam na interpretação e compreensão de sua obra.

Essa escolha se deu por acreditarmos que a obra em questão nos possibilita diversas perspectivas de análise e de reflexão, que vão além da ideia de uma história de fantasia, que relata a luta de um hobbit para destruir um anel e uma guerra entre bem e mal. Essas possibilidades estão nas entrelinhas do enredo, cabendo a nós, enquanto leitores, mergulhar nessas simbologias e tentar desvendá-las.

A CONSTRUÇÃO ANTITÉTICA EM TOLKIEN

De acordo com o que afirma Enéias Farias Tavares (2013, p.9) “[a] história do ocidente é também a história do repúdio/fascínio do olhar”. Essa relação paradoxal, caracterizada pelo repúdio/fascínio, pode ser observada em um dos livros mais conhecidos do século XX: *The Lord of the Rings*, de J. R. R. Tolkien, publicado pela primeira vez em 1954.

Quando se fala na obra de Tolkien, muitos leitores pensam imediatamente na simbologia do Anel. No entanto, é importante notar que há uma série de outros elementos que contribuem para a complexidade da significação de seu texto, sem os quais a simbologia não estaria completa. Entre eles, deve-se mencionar os opostos estabelecidos entre luz e sombra, ao longo de todo o texto, que se atrelam à visibilidade e invisibilidade, e, por fim, às concepções de bem e mal.

Em *The Lord of the Rings*, o protagonista Frodo Bolseiro, um simples hobbit do Condado, inicia uma longa jornada para destruir o Anel que concentra e, de certa forma, representa as forças maléficas que o forjaram, sendo controladas por Sauron, o antagonista. Sauron é, na Terra Média de Tolkien, a personificação do mal; e mesmo tendo sido destruído uma vez, consegue retomar seu poder e reunir um exército, tentando recuperar o seu Anel de poder para conseguir alcançar o triunfo final sobre o restante dos seres. É por isso que Frodo deve se dedicar a chegar até o centro da fortaleza maldita e derrubar o Anel onde ele foi criado, sendo esse o único meio de destruí-lo.

Para realizar essa incumbência, Frodo conta com o auxílio de alguns acompanhantes que formam a Sociedade do Anel; entre eles, principalmente, o Mago Gandalf, Aragorn (mais conhecido por Passolargo), e seus amigos hobbits, Merry, Pippin e Sam (sendo esse quem o acompanha até o final de sua caminhada). Enquanto eles seguem seu caminho – não sem inúmeros contratempos e perdas –, as forças de Sauron continuam como “[...] a gathering dark”¹ (TOLKIEN, 2007, p.68), “[...] like a dark cloud rising in the East and looming up”² (TOLKIEN, 2007, p.67) para envolver a Terra Média, como podemos ver em momentos nos quais Frodo, Sam e Sméagol (um ser conhecido como Gollum, que foi corrompido pelo poder do Anel, mas ajuda-os a encontrar o caminho para dentro das fortalezas de Mordor) estão conversando, próximos aos domínios de Sauron:

Frodo stirred and opened his eyes, and smiled, seeing Sam’s face bending over him. “Calling me early aren’t you, Sam?” he said. “It’s dark still!”

“Yes it’s always dark here”, said Sam. “But Gollum’s come back, Mr. Frodo, and he says it’s tomorrow”³. (TOLKIEN, 2007, p.936)

E o narrador comenta:

It may indeed have been daytime now, as Gollum said, but the hobbits could see little difference, unless, perhaps, the heavy sky above was less utterly black, more like a great roof of smoke; while instead of the darkness of deep night, which lingered still in cracks and holes, a grey blurring

1 “ [...] uma escuridão crescente ” (TOLKIEN, 2001, p.53).

2 “[...] uma nuvem escura que nascia no Leste e avançava ” (TOLKIEN, 2001, p.52).

3 “Frodo se mexeu, abriu os olhos e sorriu, vendo o rosto de Sam debruçado sobre o dele. - Está me chamando cedo, não é, Sam? - disse ele. - Ainda está escuro! - Sim, está sempre escuro aqui - disse Sam. - Mas Gollum voltou, Sr. Frodo, e diz que já é amanhã ” (TOLKIEN, 2001, p.754).

shadow shrouded the stony world about them⁴.
(TOLKIEN, 2007, p.938)

Através de uma viagem com muitos desafios, Frodo e Sam conseguem, por fim, chegar ao seu destino e desempenhar a tarefa que muitos achavam ser impossível. Um feito realizado, é claro, com a ajuda de outros personagens também importantes para o enredo, que, mesmo estando longe dos dois hobbits, conseguem auxiliá-los, distraindo as forças e o exército de Sauron.

Ao perpassar a narrativa, primeiramente, é possível observar vários termos que estabelecem a contrariedade e complementaridade entre luz e escuridão, representativas da oposição entre bem e mal. Como, por exemplo, no momento em que Gandalf conversa com Frodo, esclarecendo como descobriu várias informações sobre a história do Anel e sua relação com Sauron:

“When did I first begin to guess?” he mused, searching back in memory. “Let me see - it was in the year that the **White** Council drove the **Dark** Power from Mirkwood, just before the Battle of Five Armies, that Bilbo found his ring. A **shadow** fell on my heart then, though I did not know yet what I feared⁵. (TOLKIEN, 2007, p.62-63 – grifo nosso)

Ou ainda, a seguir, contando a história de Sméagol, quando esse vivia um embate entre o seu ser e o domínio do Anel sobre

4 “Podia realmente ser dia agora, como dizia Gollum, mas os hobbits quase não notavam diferença alguma, a não ser talvez pelo céu, que estava um pouco menos escuro, parecendo um grande teto de fumaça, enquanto em vez de escuridão da noite profunda, que ainda perdurava em fendas e buracos, uma sombra cinzenta e indistinta cobria o mundo rochoso ao redor deles” (TOLKIEN, 2001, p.756).

5 “- Quando foi que comecei a supor? - continuou ele cismando, em busca da resposta em sua memória. - Deixe-me ver - foi no ano em que o Conselho **Branco** expulsou o poder **escuro** da Floresta das **Trevas**, um pouco antes da Batalha dos Cinco Exércitos, quando Bilbo encontrou seu anel. Uma **sombra** cobriu meu coração” (TOLKIEN, 2001, p.49 – grifo nosso).

si: “There was a little corner of his mind that was still his own, and **light** came through it, as through a chink in the **dark**: light out of the past”⁶ (TOLKIEN, 2007, p.72 – grifo nosso). Outra cena importante que expressa o conflito entre luz e escuridão, é a fuga da comitiva formada pelos hobbits e Passolargo para o Vau, que delimita as fronteiras de Valfenda. Eles estão fugindo dos Nazgûl, espectros do Anel, que são escravos de Sauron, sempre definidos como “black figures riding on black horses”⁷ (TOLKIEN, 2007, p.134). Quando os cavaleiros avançam, quase alcançando Frodo:

there came a roaring and a rushing: a noise of loud waters rolling many stones. Dimly Frodo saw the river below him rise, and down along its course there came a plumed cavalry of waves. **White** flames seemed to Frodo to flicker on their crests, and he half fancied that he saw amid the water **white riders upon white horses** with frothing manes. The three Riders that were still in the midst of the Ford were overwhelmed: they disappeared, buried suddenly under angry foam. Those that were behind drew back in dismay [...].

The black horses were filled with madness [...]⁸. (TOLKIEN, 2007, p.280 – grifo nosso)

Além dos termos destacados que se contrapõem – com a imagem dos cavaleiros brancos destruindo os cavaleiros negros

6 “Havia um cantinho de sua mente que ainda lhe pertencia, e a **luz** entrou por ele, como através de uma fenda no **escuro**: uma luz que vinha do passado” (TOLKIEN, 2001, p.56 – grifo nosso).

7 “Figuras negras montando cavalos negros” (TOLKIEN, 2001, p.105).

8 “houve um trovão e um estrondo: um ruído enorme de águas fazendo rolar muitas pedras. Com a visão embaçada, Frodo conseguiu distinguir o movimento do rio embaixo dele se levantando, e descendo seu curso veio uma cavalaria emplumada de ondas brancas. Parecia a Frodo que chamava **brancas** piscavam nas cristas das ondas, e ele imaginou enxergar no meio da água **cavaleiros brancos sobre cavalos brancos**, com crinas espumantes Os três Cavaleiros que ainda estavam na água sucumbiram: desapareceram, subitamente cobertos pela espuma furiosa. Os que estavam atrás recuaram, com medo [...]. Os cavalos negros ficaram alucinados”. (TOLKIEN, 2001, p.222-223 – grifo nosso)

—, nota-se, claramente, as definições que, mesmo opostas, de certa forma, se completam, em “black figures riding on black horses” e “white riders upon white horses”. Essas duas definições criam imagens semelhantes que, no entanto, simbolizam coisas diferentes, sendo, no caso, respectivamente, o mal e o bem; construindo a ideia de que o significado de um cresce na sua relação com o outro, e vice-versa.

Esses exemplos demonstram a presença, no livro, do que Alcides Cardoso dos Santos (2013) chama de representação de “cenar de visibilidade”, ou seja, imagens, motivos, narrativas, personagens, temas diretamente relacionados à questão da visibilidade (visão e cegueira, luz e escuridão, escrita e leitura, olhos e livros). A partir disso, devemos mencionar outro elemento que se relaciona a essas cenas de visibilidade. Um elemento que não é, necessariamente, um ser animado, mas passa a ser considerado como personagem, perante a sua significação: o grande Olho de Sauron.

O OLHO QUE TUDO VÊ

Apesar de Sauron não aparecer muitas vezes personificado, a sua força é sempre sentida e representada pela tomada da escuridão no mundo e, principalmente, pelo Olho que vigia incansavelmente as fortalezas de Mordor, é ele que está, de uma maneira ou de outra, ligado aos acontecimentos que permeiam os embates entre o bem e o mal, o claro e o escuro. Um olho que era emoldurado por fogo, mas que reluzia por ele mesmo, “[...] yellow as a cat’s, watchful and intent, and the black slit of its pupil opened on a pit, a window into nothing”⁹ (TOLKIEN, 2007, p.474).

9 “[...] amarelo como o de um gato, vigilante e atento, e a fenda negra de sua pupila era um abismo, uma janela que se abria para o nada” (TOLKIEN, 2001, p.380).

Aqui, devemos lembrar das diversas conotações que a imagem do olho evoca em inúmeras tradições. Primeiramente, o olho permeia várias lendas de diferentes crenças, dentre elas, por exemplo, a Egípcia, com o Olho de Hórus; a Asteca, com o Olho da Morte; e a Budista, com o terceiro olho de Buda. Por esse ângulo, talvez a concepção que aqui nos é mais interessante seja a do Olho que tudo vê, utilizada muitas vezes pela Maçonaria, por “um olho dentro de um triângulo” que “simboliza a habilidade de ver todas as coisas acima de tudo. Esse olho que tudo vê representa a introspecção espiritual, alto conhecimento e a habilidade de ver os mistérios ocultos” (MALLON, 2009, p.75). E “um olho sem pálpebra” (assim como o de Sauron) “simboliza a Divina Essência e o Conhecimento Divino” (MALLON, 2009, p.75). E é aí que Tolkien insere sua problematização, pois o seu olho que tudo vê, ou, melhor, o Olho de Sauron, está sim “acima de tudo” (como revela sua posição privilegiada em Mordor), porém, em si não concentra nenhuma divindade, ao menos não um aspecto divino alicerçado pelo bem, pelo contrário, ele representa o mal. Ademais, a sua condição revela a habilidade, em sua associação com o Anel, de “ver os mistérios ocultos” – como o faz Frodo que “[...] as Ring-bearer and as one that has borne it on finger and seen that which is hidden, your sight is grown keener”¹⁰ (TOLKIEN, 2007, p.477) –, contudo, novamente, esses mistérios não estão ligados à possibilidade de virtude divina.

Sendo assim, esse olho de Tolkien se associa a um terceiro olho que não representa a introspecção, mas sim uma “condição

10 “[...] como Portador do Anel e um daqueles que o colocou no dedo e viu o que está oculto, sua visão ficou mais aguçada” (TOLKIEN, 2001, p.382)

subumana” (como o olho do Ciclope e da Medusa, na mitologia greco-romana), que “[...] corresponde ao fogo” e “[...] reduz tudo a cinzas” (CHEVALIER et al., 2015, p.654). Esse olho é, então, poderíamos dizer, a personificação do mal, construindo um elemento fundamental para o desenvolvimento do enredo; assim como aquele de “Ré, o deus do Sol”, que “era dotado de um olho incandescente, símbolo da natureza ígnea; era representado por uma serpente erguida, de olho dilatado” (CHEVALIER et al., 2015, p.655); e “o olho único das personagens inferiores da série dos Fomoiré” que é maléfico, podendo paralisar um exército (CHEVALIER et al., 2015, p.656).

Ainda, “deve-se observar que o olho é às vezes utilizado como símbolo do conjunto das percepções exteriores, e não apenas da visão” (CHEVALIER et al., 2015, p. 654). E a percepção exterior, em outras palavras, a visão sensível (essa apreendida pelos sentidos físicos, ou seja, por meio dos olhos) é, muitas vezes, considerada prejudicial, como um empecilho para a visão ideal, inteligível, que é relacionada à sabedoria, pois impossibilita que vejamos aquilo que está além da visão primeira, limitando a ampliação da nossa percepção e que novas perspectivas sejam construídas.

A visibilidade sensível é considerada ardilosa, ao passo que a inteligível é fidedigna; a primeira está associada aos vícios mundanos, ao passo que a segunda está relacionada ao bem, valor supremo; a primeira é sensual, enquanto a segunda deve abdicar dos sentidos. (SANTOS, 2013, p.35)

E, então,

Os olhos, testemunhas oculares da ruína na origem do visível, são o instrumento da visão externa, aquela da qual se deve desconfiar [...]. Como as

lentes e outros instrumentos oculares, eles são próteses, acessórios cuja necessidade é, digamos, um mal necessário. (SANTOS, 2013, p.68)

Dessa forma, a simbologia estabelecida pelo Olho de Sauron é ainda de significação mais relevante, pois, “como próteses, os olhos perfazem uma transgressão da normalidade que dá lugar a todo tipo de perversão, monstruosidade ou fetiche” (SANTOS, 2013, p.70). O Olho se constitui, dessa forma, como elemento não natural, uma anormalidade que se coloca entre nós e o conhecimento da verdade ideal. Talvez por isso, ele deve ser vencido, destruído, para que atinjamos essa verdade e consigamos sair da escuridão que é a falta de conhecimento. Mas nem por isso é menos importante.

Nesse sentido, devemos ainda notar como, apesar de ser a representação do mal, o Olho é grandioso e ocupa um lugar central na obra. Essa permite-nos perceber como sua imagem não é construída por si, mas através de uma série de aspectos que contribuem para estabelecer essa condição. Porque

[...] cada objeto é o espelho de todos os outros. Quando olho o abajur posto em minha mesa, eu lhe atribuo não apenas as qualidades visíveis a partir de meu lugar, mas ainda aquelas que a lareira, as paredes, a mesa podem “ver”, o verso de meu abajur é apenas a face que ele “mostra” à lareira. Portanto, posso ver um objeto enquanto cada um deles dispõe dos outros em torno de si como espectadores de seus aspectos escondidos e garantia de sua permanência [...]. O objeto acabado é translúcido, ele está penetrado de todos os lados por uma infinidade atual de olhares que se entrecruzam em sua profundidade e não deixam nada escondido. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.105-106)

Sendo assim, o Olho só é o que é em razão de todo o ambiente que o circunda, de toda a escuridão que o envolve e o consome. Como no momento em que Frodo observa ao longe:

All the power of the Dark Lord was in motion. Then turning south again he beheld Minas Tirith. Far way it seemed, and beautiful: white-walled, many-towered, proud and fair upon its mountain-seat; its battlements glittered with steel, and its turrets were bright with many banners. Hope leaped in his heart. But against Minas Tirith was set another fortress, greater and more strong. Thither, eastward, unwilling his eye was drawn. It passed the ruined bridges of Osgiliath, the grinning gates of Minas Morgul, and the haunted Mountains, and it looked upon Gorgoroth, the valley of terror in the Land of Mordor. Darkness lay there under the Sun. Fire glowed amid the smoke. Mount Doom was burning, and a great reek rising. Then at last his gaze was held: wall upon wall, battlement upon battlement, black, immeasurably strong, mountain of iron, gate of steel, tower of adamant, he saw it: Barad-dûr, Fortress of Sauron. All hope left him.

And suddenly he felt the Eye. There was an eye in the Dark Tower that did not sleep. He knew that it had become aware of his gaze. A fierce eager will was there. It leaped towards him; almost like a finger he felt it, searching for him. Very soon it would nail him down, know just exactly where he was¹¹. (TOLKIEN, 2007, p.522-523)

11 “Todo o poder do Senhor do Escuro estava em ação. Então, voltando-se de novo para o Sul, Frodo viu Minas Tirith. Parecia distante e bela: com muralhas brancas, muitas torres, majestosa e linda sobre sua montanha; seus parapeitos reluziam como aço, e suas torres brilhavam com muitas bandeiras. A esperança renasceu em seu coração. Mas contra Minas Tirith erguia-se outra fortaleza, maior e mais forte. Sentiu que seu olhar se dirigia para o Leste, sendo atraído contra sua vontade. Passou pelas pontes arruinadas de Osgiliath, pelos portões escancarados de Minas Morgul e pelas Montanhas assombradas, detendo-se sobre Gorgoroth, o vale do terror na Terra de Mordor. Lá a escuridão jazia sob o sol. O fogo reluzia em meio à fumaça. A Montanha

Nesse excerto vemos, primeiramente, a imagem formada pela descrição dos arredores da Terra de Mordor e, a partir disso, nossa atenção empreende uma espécie de aproximação, prendendo o foco sobre o Olho na Torre Escura. Entretanto, esse caminho só é percorrido pelo estabelecimento dos elementos anteriores, que moldam o Olho em todas as suas faces. Dessa forma, a imagem do Olho e sua personificação se dão não só na complementaridade e como também na contrariedade causadas pelo ambiente descrito, o que revela como um elemento dependente do outro para existir. Ainda, o posicionamento do Olho na Torre Escura, como que no centro da fortaleza, observando a tudo e a todos, pode se associar com a figura do *panóptico*, que Michel Foucault aborda em sua obra *Vigiar e punir* (2011); uma figura arquitetural em forma de anel que possui várias celas e, no centro dessa construção há uma torre onde um único vigia consegue observar e controlar todos os presos (2011, p.190-194). Nesse caso, o vigia supremo é, necessariamente, o Olho, que, propriamente, “tudo vê” – reforçando a ideia comentada anteriormente –, que se alia ao Anel, o seu elo com o restante do mundo.

Devemos prestar atenção às percepções do Olho por parte de Frodo, que são descritas por palavras que recorrem a imagens sensoriais – principalmente do tato, tais como *sentir* e *tocar* –, que, novamente, se relacionam ao aspecto sensual das percepções e dos vícios mundanos. A presença do Olho de Sauron então mostra

da Perdição queimava e um cheiro insuportável empestava o ar. Então, finalmente, seu olhar foi detido: muralhas e mais muralhas, parapeito sobre parapeito, negra, incomensuravelmente forte, montanha de ferro, portão de aço, torre de diamante, ele a viu: Barad-dûr, a Fortaleza de Sauron. Perdeu todas as esperanças.

E, de repente, sentiu o Olho. Havia um olho na Torre Escura que nunca dormia. Frodo sabia que ele tinha percebido seu olhar. Uma determinação feroz e ávida estava nele. Saltou na direção de Frodo, que quase como um dedo o sentiu, procurando-o. Muito em breve iria tocá-lo e saber exatamente onde estava” (TOLKIEN, 2001, p.419).

que “[...] os olhos são dispensáveis à visão e podem, até mesmo, atrapalhá-la” (SANTOS, 2013, p.43); tendo em vista que ele está relacionado à visão turva do mundo das trevas, reforçando a ideia de que os olhos só nos permitem uma visão primeira.

Essa visão embaciada se mostra nos momentos em que os personagens usam o Anel, ficando invisíveis àquele mundo real e atraindo a atenção dos seres malignos para si. Como no momento seguinte, no qual Frodo coloca o Anel para que possa ficar invisível e fugir de Boromir, e, aparentemente, enxerga tudo através de uma névoa:

Frodo dodged aside and [...] trembling he pulled out the Ring upon its chain and quickly slipped it on his finger, even as Boromir sprang at him again. The Man gasped, stared for a moment amazed, and then ran wildly about, seeking here and there among the rocks and trees. [...] Frodo did not even hear his cries. He was already far away [...], to the hill-top. [...] He saw as through a mist a wide flat circle, paved with mighty flags, and surrounded with a crumbling battlement. [...] At first, he could see little. He seemed to be in a world of mist in which there were only shadows: the Ring was upon him¹². (TOLKIEN, 2007, p.521-522)

Visível apenas às trevas, Frodo fica vulnerável e é como que consumido pela escuridão, mesclando-se à sombra. E a sombra

12 “Frodo recuou e [...] tremendo, tirou o Anel da corrente e colocou-o depressa no dedo, no exato momento em que Boromir saltava de novo em sua direção. O homem ficou atônito, olhando surpreso por um momento, e depois correu em volta do lugar, ensandecido, procurando aqui e ali por entre as rochas e árvores. [...] Frodo nem ouviu seus gritos. Já estava longe [...], em direção ao topo da colina. [...] Enxergou, como se através de uma névoa, um círculo amplo e plano, com um pavimento de lajes enormes e cercado por um parapeito em ruínas. [...] No início, conseguiu ver pouca coisa. Parecia estar num mundo de névoa no qual só havia sombras: o Anel agia sobre ele” (TOLKIEN, 2001, p. 418).

é “[...] a própria imagem das coisas fugidias, irreais e mutantes” (CHEVALIER et al., 2015, p.842). Estabelece-se então uma relação entre visível e invisível que, assim como a luz e a escuridão, se relaciona ao bem e ao mal. Como afirma Gandalf, “[...] if he often uses the Ring to make himself invisible, he **fades**: he becomes in the end invisible permanently, and walks in the twilight under the eye of the Dark Power that rules the Rings”¹³ (TOLKIEN, 2007, p.60 – grifo do autor).

Desse modo, esse invisível não está vinculado à visão inteligível porque, na realidade, está mais que palpável para o mundo das sombras – tanto que, como pode ser observado nos excertos já mencionados, as expressões relacionadas às ações do Olho, muitas vezes, são relacionadas às sensações físicas. Por isso, liga-se muito mais à visão sensível que deturpa a nossa percepção ideal. Nesse caso, a Literatura traz à tona

[...] imagens de diferentes tipos que transitam entre os mundos sensível e inteligível, criando uma espectralidade que embaralha as identidades do visível e do invisível [...]. A Literatura compartilha dos mundos **visível e invisível**, da letra e do espírito. (SANTOS, 2013, p.54 – grifo nosso)

Desse modo, tudo acontece como se coexistissem, no mundo terreno, dois mundos: o real (que vive na luz) e o das trevas (permeado pelas sombras). Nesse sentido, o Anel e (mais importante para a perspectiva aqui abordada) o Olho, servem como instrumentos para promover a confusão entre o visível e invisível, entre luz e treva; reafirmando as palavras

13 “[...] se usar o Anel com frequência para se tornar invisível, ele **desaparece**: torna-se no fim invisível permanentemente, e anda no crepúsculo sob o olhar do poder escuro que governa os Anéis” (TOLKIEN, 2001, p. 48 – grifo do autor).

de Santos (2013), ao dizer que o olho é como uma prótese que atrapalha a visão ideal. Como podemos observar nos momentos em que Sam, o hobbit que acompanha Frodo em sua jornada, coloca o Anel:

Then he put it [the Ring] on [...].

The world changed, and a single moment of time was filled with an hour of thought. At once he was aware that hearing was sharpened while sight was dimmed, but otherwise than in Shelob's lair. All things about him now were not dark but vague; while he himself was there in a grey hazy world, alone, like a small black solid rock, and the Ring, weighing down his left hand, was like an orb of hot gold. He did not feel invisible at all, but horribly and uniquely visible; and he knew that somewhere an Eye was searching for him¹⁴. (TOLKIEN, 2007, p.960)

E novamente:

Without any clear purpose he drew out the Ring and put it on again. Immediately he felt the great burden of its weight, and felt afresh, but now more strong and urgent than ever, the malice of the Eye of Mordor, searching, trying to pierce the shadows that it had made for its own defence, but which now hindered it in is inquiet and doubt.

As before, Sam found that his hearing was sharpened, but that to **his sight the things of this**

14 "Então Sam colocou o Anel no dedo [...].

O mundo mudou, e um único momento de tempo se encheu de uma hora de ponderação. Imediatamente Sam percebeu que sua audição se aguçara, enquanto a visão ficara obscurecida, mas de modo diferente do obscurecimento ocorrido na toca de Laracna. Agora todas as coisas ao seu redor não estavam escuras, mas difusas; enquanto ele mesmo estava lá, num mundo cinzento e enevoadado, sozinho, como uma pequena rocha sólida e negra, e o Anel, pesando em sua mão esquerda, era como um círculo de ouro escaldante. Sam não se sentia invisível de forma alguma, mas terrível e singularmente visível; e sabia que em algum lugar um Olho o procurava" (TOLKIEN, 2001, p. 775).

world seemed thin and vague¹⁵. (TOLKIEN, 2007, p.1175 – grifo nosso)

Assim, enquanto Sam fica cada vez mais suscetível ao Olho, no mundo das sombras, a sua visão e percepção com relação ao mundo real (de luz) se perde, ficando anuviada. E, por isso, logo depois, “he took off the Ring, moved it may be by some deep premonition of danger, though to himself he thought only that he wished to see more clearly. ‘Better have a look at the worst,’ he muttered. ‘No good blundering about in a fog!’”¹⁶ (TOLKIEN, 2007, p.1176).

Qualquer um deles, estando com o Anel, fica mais visível ao seu dono (Sauron); porém, em compensação, a única coisa que consegue ver com certa distinção, são os elementos essenciais desse mundo de sombras. Como acontece com Frodo, quando fica frente à frente com os Nazgûl, conhecidos como espectros do Anel:

[...] but he [Frodo] could not turn towards him. He shut his eyes and struggled for a while; but his resistance became unbearable, and at last he slowly drew out the chain, and slipped the Ring on the forefinger of his left hand.

Immediately, though everything else remained as before, dim and dark, the shapes became terribly clear. He was able to see beneath their black wrappings. There were five tall figures: two standing on the lip of the dell, three advancing.

15 “Sem qualquer propósito claro, puxou o Anel e colocou-o de novo no dedo. Imediatamente sentiu o grande fardo de seu peso, e sentiu de novo, agora mais forte e opressiva que nunca, a malícia do Olho de Mordor perscrutando, tentando penetrar as sombras que fizera para a própria defesa, mas que nesta hora o atrapalhavam em sua inquietude e dúvida.

Como antes, Sam sentiu sua audição aguçada, enquanto para **seus olhos as coisas deste mundo pareciam tênues e vagas**” (TOLKIEN, 2001, p. 950 – grifo nosso).

16 “Retirou o Anel, movido talvez por alguma premonição profunda de perigo, embora consigo mesmo pensasse apenas que desejava enxergar mais claro. - É melhor dar uma olhada no pior - murmurou ele. - Não adianta ir tropeçando na neblina!” (TOLKIEN, 2001, p.951).

[...] Their eyes fell on him and pierced him, as they rushed towards him¹⁷. (TOLKIEN, 2007, p.255)

Essa visão então não o auxilia. Na realidade, apenas o deixa mais suscetível, principalmente quando “desaparece” no mundo de luz, para aparecer com mais nitidez para as trevas. E o olhar, como “instrumento das ordens interiores”, assim como exprime, mata, fascina, fulmina e seduz (CHEVALIER et al., 2015, p.653), o que estabelece novamente a relação entre o Olho e o Anel, pois o último representa a sedução diante daquele que o detém, enquanto que, ao mesmo tempo, permite aos seres das trevas fulminarem o portador. Essas relações se estabelecem porque “luz, iluminação, sombras, reflexos, cor, esses objetos da pesquisa não são inteiramente reais: como os fantasmas, têm existência apenas visual” (MERLEAU-PONTY, 2004, p.21). Talvez por isso, também, surjam aí os espectros do Anel, que se constituem em suas sombras, aparecendo claramente *apenas no mundo das sombras*, com o intermédio do Anel ou do Olho. Assim, novamente, esses dois elementos surgem como instrumento para a intermediação entre os dois mundos. São eles que estabelecem o caminho entre o visível e o invisível, entre o mundo de luz e o mundo de escuridão, entre o bem e o mal.

Tendo em consideração essa reflexão,

em termos um pouco mais concretos, poderíamos dizer que a centralidade da visibilidade na cultura

17 “[...] mas Frodo não conseguia olhar na direção dele. Fechou os olhos e lutou por uns minutos, mas a resistência se tornou insuportável, e finalmente tirou a corrente devagar e colocou o Anel no dedo indicador da mão esquerda. Imediatamente, embora tudo continuasse como antes, escuro e sombrio, as figuras se tornaram terrivelmente claras. Frodo podia ver através de suas roupas pretas. Havia cinco figuras altas: duas em pé, na saliência do valezinho, três avançando, [...] Seus olhos caíram sobre ele e o penetraram enquanto corriam na sua direção” (TOLKIEN, 2001, p.203).

ocidental faz com que a visão oscile entre os extremos de constatação [...] às utopias nas quais outros mundos e realidades possíveis são imaginados e visualizados pelo pensamento imaginativo da Literatura e das Artes. (SANTOS, 2013, p.21)

O Anel serve como elo entre os seres e o Olho, que, por si, serve como elo com Sauron e seu poder. Os dois elementos então, Anel e Olho, permitem ao que o usa (o Anel), enxergar com mais clareza o mundo das trevas (o mal), entretanto, contraditoriamente e de forma imprescindível, auxiliam o Olho a enxergar com extrema nitidez o portador do Anel. Uma vez que “as metamorfoses do olhar não revelam somente quem olha; revelam também quem é olhado, tanto a si mesmo como ao observador” (CHEVALIER et. al., 2015, p.653). Eles servem então, mais do que tudo, como elo e mediação entre o bem e o mal. Com efeito:

Ver é entrar em um universo de seres que se “mostram”, e eles não se mostrariam se não pudessem estar escondidos uns atrás dos outros ou atrás de mim. Em outros termos: olhar um objeto é vir habitá-lo e dali apreender todas as coisas segundo a face que elas voltam para ele. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.105 – grifo do autor)

E, por meio dessa interpretação, o bem e o mal coexistem em um mesmo plano, basta-nos percebê-los do modo correto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa análise acima podemos perceber as estratégias estilísticas e semânticas utilizadas por Tolkien. Ele constrói, entrelaçando com o enredo, uma constituição imagética, a qual se

dá por meio da linguagem e também da própria menção de aspectos que retomam o tema da visão, visível, olho e das dualidades, e o modo como essas estão interligadas e são dependentes umas das outras. Essas envolvem a aproximação dessa temática através da simbologia do olho e de técnicas que criam espaços imagéticos próprios no texto. As imagens, então, fornecem ao leitor uma possibilidade ampla de significação diante da narrativa, ao convocar e problematizar conceitos que são também abordados em outras literaturas e mitologias.

Dessa forma, as imagens e simbologias que buscamos destacar no decorrer da leitura e análise da obra nos permitem uma amplitude do conhecimento e entendimento acerca das conotações semânticas utilizadas para construir os aspectos imagéticos desse texto de Tolkien, o que influenciou e continuará influenciando, a cada nova leitura, a nossa interpretação e compreensão de sua obra, ampliando nossas perspectivas e visão e tirando-nos das ideias do senso comum.

Finalmente, a construção de significados assim delineada, estabelecendo as oposições caracterizadas pelas antíteses, permite uma associação com reflexões pertinentes. Isso mostra a literatura não apenas como representação do mundo, mas como criação de novos mundos e novas realidades, que além de impulsionar a fantasia, efetuam a interpretação das ações e percepções humanas. Além de nos levar à reflexão, em relação a ideologias, crenças e conhecimentos, fazendo-nos imaginar o (im)possível.

REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean et al (2015). *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 27.ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

FOUCAULT, Michel (2011). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 39.ed. Rio de Janeiro: Vozes.

MALLON, Brenda (2009). *Os símbolos místicos: um guia completo para símbolos e sinais mágicos e sagrados*. São Paulo: Larousse do Brasil.

MERLEAU-PONTY, Maurice (1999). *Fenomenologia da percepção*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes.

_____ (2004) *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac & Naify.

_____ (1984). *O visível e o invisível*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva.

SANTOS, Alcides Cardoso dos (2013). *De cegos que vêem e outros paradoxos da visão: Questões acerca da natureza da visibilidade*. Santa Maria: UFSM, PPGL-Editores.

TAVARES, Enéias Farias (2013). Apresentação. In: SANTOS, Alcides Cardoso dos. *De cegos que vêem e outros paradoxos da visão: Questões acerca da natureza da visibilidade*. Santa Maria: UFSM, PPGL-Editores. p.9-11.

TOLKIEN, John Ronald Reuel (2001). *O Senhor dos Anéis*. Lenita Maria (Trad.) Rímoli Esteves. São Paulo: Martins Fontes.

_____ (2007). *The Lord of the Rings*. London: Harper Collins Publishers.